

TRAVESSIAS

tensões da *Belle Époque*, raízes do contemporâneo



Organizadores

Carmem Negreiros (UERJ)

Fátima Oliveira (CEFET-RJ)

Jean Pierre Chauvin (USP)

Mônica Vermes (UFES)

Ricardo Carvalho (USP)

30
ANOS

ARGOS
EDITORA DE ARQUITECTURA

TRAVESSIAS

tensões da *Belle Époque*, raízes do contemporâneo

Travessias: tensões da Belle Époque, raízes do contemporâneo problematiza questões incontornáveis: por que estudar a produção literária, cultural e artística entre 1890-1920? Qual é a relação dessa produção com as tensões do contemporâneo? Em que medida tais investigações podem enriquecer os estudos literários? A *Belle Époque* traz no bojo a marca da tensão pela coexistência de questões vindas do imperialismo colonial, do fascismo, do nacionalismo, da ciência que racializa, de autoridades personalistas, ao lado de utopias libertárias (com subversões e negociações) e das bases para o consumo massivo a partir do entretenimento como mercadoria. As tecnologias acentuam os efeitos da modernidade sobre os indivíduos, nos modos de olhar a si mesmos e aos outros e permitem sentir no corpo os abalos das novas experiências vindas do cinema,

Travessias

tensões da *Belle Époque*,
raízes do contemporâneo



FUNDAÇÃO
UNIVERSITÁRIA DO
DESENVOLVIMENTO
DO OESTE

Presidente

Vincenzo Francesco Mastrogiacomo

Vice-Presidente

Ivonei Barbiero



UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA DA REGIÃO DE CHAPECÓ

UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA DA REGIÃO DE CHAPECÓ

Reitor: Claudio Alcides Jacoski

Pró-Reitora de Graduação e Vice-Reitora: Silvana Muraro Wildner

Pró-Reitora de Pesquisa, Extensão, Inovação e Pós-Graduação: Andréa de Almeida Leite Marocco

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: Márcio da Paixão Rodrigues

Pró-Reitor de Administração: José Alexandre de Toni

Diretora de Pesquisa e Pós-Graduação *Stricto Sensu*: Vanessa da Silva Corralo

Coordenadora da Argos: Rosane Natalina Meneghetti

Conselho Editorial:

Titulares: Clodoaldo Antônio de Sá (presidente), Cristian Baú Dal Magro (vice-presidente),

Rosane Natalina Meneghetti, Andréa de Almeida Leite Marocco, Cleunice Zanella,

Hilario Junior dos Santos, Vanessa da Silva Corralo, Rodrigo Barichello,

André Luiz Onghero, Circe Mara Marques, Gustavo Lopes Colpani,

Odisséia Aparecida Paludo Fontana, Andrea Díaz Genis (Uruguai),

José Mario Méndez Méndez (Costa Rica), Suelen Carls (Alemanha).

Suplentes: Maria Assunta Busato, Rodrigo Oliveira de Oliveira,

Josiane Maria Muneron de Mello, Reginaldo Pereira, Idir Canzi,

Márcia Luiza Pit Dal Magro.



Perspectivas



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Carmem Negreiros
Fátima Oliveira
Jean Pierre Chauvin
Mônica Vermes
Ricardo Carvalho
(Orgs.)

Travessias

tensões da *Belle Époque*, raízes do contemporâneo



ARGOS
Editora da UnoChapecó
Chapecó, 2022

As ideias, imagens e demais informações apresentadas nesta obra são de inteira responsabilidade de seus autores e organizadores ou editores.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, arquivada ou transmitida, por qualquer meio ou forma, sem prévia permissão por escrito da Editora Argos.

T782t

Travessias: tensões da *Belle Époque*, raízes do contemporâneo
/ Carmem Negreiros ... [et al.](Orgs.). –
Chapecó: Argos, 2022.
568 p.: 23 cm.. – (Perspectivas; 67) –

Inclui bibliografias
ISBN: 978-65-88029-93-0

1. Literatura. 2. Cultura. 3. Belle époque.
4. Negreiros, Carmem.

CDD: 807

Catálogo elaborado pela Bibliotecária Gabriella Joana Zorzetto CRB 14/1638
Biblioteca Central da UnoChapecó



Rua: Servidão Anjo da Guarda, 295-D
Bairro Efapi – Chapecó - SC
89809-900 – Caixa postal: 1141
Fone: (49) 3321-8218
E-mail: argos@unochapeco.edu.br
Site: www.editoraargos.com.br

Sumário

Apresentação	11
Carmem Negreiros, Fátima Oliveira, Jean Pierre Chauvin, Mônica Vermes, Ricardo Carvalho (Orgs.)	
TENSÕES POLÍTICAS E SOCIAIS NA LITERATURA	31
O feminismo na <i>Belle Époque</i>: vozes-mulheres pela(s) liberdade(s)	33
Constância Lima Duarte	
Vidas da infâmia no romance <i>Pedro Espanhol</i>, de José do Patrocínio	49
Marcelo dos Santos	
O “romance de combate” como estratégia de propaganda das ideias libertárias e resistência aos dispositivos consagrados de gênero e sexualidade	69
Angela Maria Roberti Martins	

<i>Recordações do escrivão Isaías Caminha</i> , de Lima Barreto: racismo, literatura e comunicação no Rio de Janeiro da <i>Belle Époque</i> 89 Dionisio Márquez Arreaza	Olavo Bilac e as mídias na <i>Belle Époque</i> 217 Marcus Vinicius Nogueira Soares
Lima Barreto e a modernidade claro-escuro da <i>Belle Époque</i> carioca 111 Carmem Negreiros	RIO DE JANEIRO EM TEMPOS MODERNOS 233
VISUALIDADE E LITERATURA 131	A cidade-feitiço de João do Rio 235 Giovanna Dealtry
Remontagem do tempo em “A Passagem da Ópera”, de Louis Aragon 133 Márcia Arbex-Enrico	A modernização da percepção na <i>Belle Époque</i> carioca: notas do “diário íntimo” de Lima Barreto 255 Fátima Oliveira
A caixa mágica do ilusionista: lanternas mágicas, fantasmagorias e a escrita como projeção 151 Marcus Salgado	A imagem turística da cidade do Rio de Janeiro no <i>Guide des Etats-Unis du Brésil</i> de Olavo Bilac, Guimarães Passos e Bandeira Junior 273 Amanda Danelli Costa
Da fita ao filme: o <i>film d'art</i> no Rio de Janeiro de 1909-1910, ou as especificidades do teatro no cinema 169 Danielle Crepaldi Carvalho	DO POEMA À INDUMENTÁRIA, DA PALAVRA À IMAGEM: TENSÕES DA FORMA 287
<i>Revista Moderna</i> : espaço de modernidade e <i>art nouveau</i> 189 Luciana Persice Nogueira-Pretti	Em quais companhias se escreve o poeta? Poesia e amizade em Alphonsus de Guimaraens 289 Francine Fernandes Weiss Ricieri
<i>Écriture artiste</i> : um estudo sobre o estilo de João do Rio e a estética <i>art nouveau</i> 205 Maurício Silva	Gustavo Santiago: do guarda-roupa à estante 301 Armando Gens
	Eugênio de Castro e Alberto de Oliveira: lideranças antagônicas do decadentismo-simbolismo português 319 Álvaro Santos Simões Junior

Notas sobre a crise do paradigma mítico-musical na poesia moderna	335
Eduardo Veras	
A música no Rio de Janeiro da <i>Belle Époque</i> : lugares, agentes e relatos	351
Mônica Vermes	
NATUREZA, ARTE E CIÊNCIA	371
Surfando turbilhões: Turner, Poe e o antigo atomismo	373
Maria Cristina Franco Ferraz	
Velhos jardins: natureza e civilização na <i>Belle Époque</i>	389
Claudete Daflon	
De volta à natureza: da decadência ao <i>art nouveau</i> no romance <i>Inverno em flor</i> , de Coelho Neto	407
Luciana Murari	
“Nem místicos, nem empíricos”: a poesia da ciência em Euclides da Cunha	427
Ricardo Souza de Carvalho	
TEMPORALIDADES CONVERGENTES, ESTÉTICAS DIVERGENTES	443
Virgular com os olhos, ampulheta de abismos: a arte de <i>O alienista</i>	445
Ieda Lebensztayn	

A metáfora da escrita como ruptura com as tendências do complexo estilístico pós-romântico na concepção de <i>Dom Casmurro</i> , de Machado de Assis	465
José Osmar de Melo	
O naturalismo francês “triumfante”: trajetórias e temporalidades	483
Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina	
Pardal Mallet, um <i>frondeur</i> na <i>Belle Époque</i>	503
Leonardo Mendes, Gabriela Krugel dos Santos Nunes	
<i>Os condenados</i> e o percurso romanesco de Oswald de Andrade	523
Rafael Rodrigo Ferreira	
Entre Dadá e a Antropofagia: a estilização dos manifestos por Oswald de Andrade	537
Jean Pierre Chauvin	
Sobre os autores	557

Apresentação

Em 2020, o projeto LABELLE – Laboratório de Estudos de Literatura e Cultura da *Belle Époque* – completou cinco anos de pesquisas, encontros, trocas. Numa perspectiva multidisciplinar e interinstitucional, coerente com o perfil de um Grupo de Pesquisa certificado pelo CNPq, a proposta preponderante do grupo se mantém e concentra-se em investigar a relevância, inventividade e riqueza da produção literária e cultural do final do século XIX e das primeiras décadas do século XX. Período que guarda uma vida literária pulsante marcada por conferências, vesperais, salões, saraus, reuniões em editoras e nas muitas livrarias, além de encontros em confeitarias e botequins para discutir os artigos, polêmicas e notícias veiculados por muitos jornais diários e farto número de revistas semanais. E, sobretudo, apresenta questões seminais da modernidade brasileira como a problematização da brasilidade, a atuação do intelectual diante das tensões da cultura, a profissionalização do escritor e o crescimento do mercado de livros, as disputas da literatura com outras linguagens vindas da imprensa, da técnica, do entretenimento, da ciência. Além da tensa coexistência de ideais políticos díspares entre si. Não à toa o local de trabalho dos escritores, escritoras e poetas será a rua.

Para comemorar estes cinco anos de desafios e conquistas do Laboratório, aconteceu o seminário *Travessias*, com reflexões de pes-

quisadores do grupo e convidados, durante os dias 30 de setembro, 7, 14, 15, 21 e 28 de outubro, com transmissão pelo canal YouTube LABELLE-UERJ e disponível em: <http://bit.ly/labelleuerjyoutube>.

O termo *Travessias* conduziu o seminário com a intenção de dar perspectiva histórica ao presente e nos reconhecermos contemporâneos de homens de mulheres, da chamada *Belle Époque*, atravessados por questões como o nascimento da cultura midiática e a formação de um ambiente tecnológico moderno, que submetiam os sujeitos a novas velocidades e sobrecargas sensoriais sem precedentes, ao lado da força autoritária e violenta da Primeira República, determinada a enquadrar os sujeitos, controlar os riscos na cidade e desenhar um perfil de brasilidade. Há, ainda, a fascinante mistura de radicalismo político – do anarquismo, comunismo ou fascismo – e experimentações estéticas, com renovação na linguagem gráfica, visual, literária e artística em meio a manifestações de movimentos de mulheres e operários, guerra imperial, lutas da população marginalizada contra a opressão da ordem (expressa na força policial ou no aparato médico-judiciário), ao lado de propostas de muitas utopias sociais.

Concomitantemente, disseminavam-se estratégias e tecnologias ligadas ao entretenimento que se tornam mecanismos difusores de poder subjetivamente internalizados. As tecnologias acentuam os efeitos da modernidade sobre os indivíduos, nos modos de olhar a si mesmos e aos outros e permitem sentir no corpo os abalos das novas experiências vindas do cinema, da fotografia, do automóvel, do telégrafo, do trem, em atravessamento com a palavra, que luta com a imagem nos letreiros das vitrines e nas páginas dos jornais. Muito além de uma época de frivolidades e de “sorrisos”, assistimos à reorganização de conhecimentos, linguagens, espaços, redes de comunicação e da própria compreensão da subjetividade. O Rio de Janeiro

é o cenário desse processo de rápidas mudanças, no Brasil, a partir das reformas urbanas que tornam a cidade um poderoso centro de produção cultural no país.

Escritores e escritoras cariocas – ou os que se estabeleceram na cidade vindos de diferentes regiões do país – procuram dar forma possível ao sentimento de desintegração da realidade e dos sujeitos. Tudo isso ao lado da carência de moradias, das dificuldades e problemas não resolvidos de saneamento, captação de esgoto, abastecimento de água, enchentes gigantescas com as chuvas de verão, aluguéis altos, inflação e abandono das periferias à própria sorte ao lado da violência policial. Nada que pareça estranho ao carioca, e brasileiro, do século XXI.

A onda modernizadora também chegou ao campo como forma de romper com a associação entre mundo rural, barbárie, doença ou atraso. Com isso, há o resgate da natureza para o novo sentido de brasilidade, ora cedendo aos apelos do uso econômico com viés exploratório em diálogo com o expansionismo imperialista, ora na defesa e conservação da natureza, numa perspectiva que privilegia a memória e/ou na posição ambígua de exploração com controle. Questões que alcançam nossos dias com a forte predominância, ainda, do viés predatório e colonialista que deixa cidades e pessoas sem respirar devido à fumaça de queimadas num país cujas terras são destruídas pela ganância de uma elite que pressupõe a ideia de natureza como algo fora dos seres humanos, justificando assim a exploração predatória da biodiversidade, a expropriação de territórios e o genocídio dos povos originários.

Precisamos ler e ouvir as narrativas de cientistas, médicos, engenheiros, escritores, artistas, cujas ações se integraram na missão de pensar o Brasil e os brasileiros, da geologia dos sertões à ressignifica-

ção do espaço urbano. Tudo vinculado às preocupações com o destino do país para buscar respostas às perguntas: o que é o Brasil? Quem são os brasileiros? De que é feita a brasilidade? Questões que ainda não nos abandonaram quando, em nossos dias, nos defrontamos com a face horrenda de um Brasil profundo.

No processo tenso que envolve o período que estudamos, os intelectuais viam na ciência uma aliada para a resposta a essas questões na defesa do sanitarismo, da eugenia do branqueamento em debates profícuos que antecipam o viés da falaciosa democracia racial, na mesma medida em que denunciavam o racismo estrutural e seus efeitos sobre as instituições e sujeitos. E, nesse contexto, o componente mais forte do discurso nacionalista girava em torno da ideia de raça, argumento pretensamente de saber técnico para justificar exclusão, violência, degradação. Hospícios, prisões, genocídios (foram muitos e Canudos talvez seja o mais expressivo) são reveladores dessa prática que marca sobretudo corpos negros e pobres. Corpos que desfilam como mercadoria exposta na cidade, que expõem seus movimentos em contrações e espasmos de dor, angústia, medo e prazer e/ou corpos ameaçados, que se escondem da violência ou, também, corpos que negociam, como podem, com a técnica, a ciência, com a força da ordem e do progresso. A República, que nasceu de um golpe de Estado com a participação de muitos militares, sedimentou a violência e o autoritarismo no controle de corpos e sujeitos.

Em síntese, o período chamado *Belle Époque*, cuja imagem é associada à superficialidade e ao *glamour*, traz no bojo a marca da tensão pela coexistência de questões vindas do imperialismo colonial, do fascismo, do nacionalismo mesclado à religião (nacionalismo cristão), da ciência que racializa, de autoridades personalistas, ao lado

de utopias libertárias e das bases para o consumo massivo a partir do entretenimento como mercadoria.

Assistimos hoje, com espanto, a força dessas narrativas nacionalistas para, em nome de um pretense interesse coletivo, expulsar, proibir, alienar, subjugar aqueles que não podem figurar como protagonistas na história que estamos fazendo. Por isso, é preciso pensar em que medida somos contemporâneos das muitas vezes dos anos 1890-1920 que vivenciaram pandemias, guerras, lutas libertárias, utopias, genocídios e valores herdados da sociedade escravocrata excludente, autoritária e violenta.

E, ainda, é preciso refletir sobre questões incontornáveis: por que estudar a produção literária, cultural e artística entre 1890-1920? Qual é a relação dessa produção com as tensões do contemporâneo? Em que medida tais investigações podem enriquecer os estudos literários?

Por isso, talvez a travessia mais significativa esteja em problematizar o silêncio da crítica à produção literária realizada entre 1890-1920. Discutir a ebulição literária (ou a busca de resposta) dos poetas, escritores e escritoras ao desafio de produzir literatura diante de formas de entretenimento como a música, os primeiros filmes, inventos ópticos diversos, ruas e vitrines; frente à disputa de poder entre vários discursos, a rapidez da informação e o impacto das imagens, assim como a luta por funções – e espaço – no interior dos jornais e das revistas.

É preciso pensar, ainda, acerca da coragem de artistas, escritoras e escritores da *Belle Époque* para se posicionar diante das questões de seu tempo e tomar de assalto os espaços da cultura midiática nascente, a audácia para incorporar as novas tecnologias, a disposição para expor-se a novas experiências – em presídios, redações de jornais, cassinos, hospícios, cabarés, os vários recantos e horários das

ruas – e medir a temperatura das novas sociabilidade e sensibilidade para ampliar os recursos da linguagem literária. Não se intimidaram frente aos desafios e impasses do novo. Nesse contexto, atrair o leitor e oferecer-lhe uma experiência que abalasse os nervos (já tão intensamente abalados pela modernização) junto com o mapa – físico e sensorial – da cidade não era tarefa fácil. Mas não fugiram do desafio. E vale dizer, escritoras, e muitas, com muito prestígio, talento e popularidade, aceitaram a novidade da proposta e a ela deram forma em suas obras. Tudo acontecendo em meio ao turbilhão da cena urbana, como observou Adelino Magalhães (1963, p. 312): “Naquele café, quantas visões diversas diante de cada par de olhos – quantas visões sensacionais ou mansas ou dolorosas, perversas ou emotivas!”

O conjunto de textos ora oferecido ao público neste volume recupera, portanto, a riqueza dos debates ocorridos no Seminário *Travessias* e organiza-se em seis blocos cujos títulos foram pensados para o agrupamento de autores por afinidades temáticas. Sendo assim, no primeiro bloco, os textos discutem as tensões políticas e sociais na literatura. Constância Lima Duarte traz as vozes-mulheres que “[...] escaparam dos estreitos limites domésticos e escreveram poemas, romances, ensaios, e até criaram jornais!” A força feminina como questionadora dos limites, como sujeito literário e político visível na criação do Partido Republicano Feminino e na formação da Academia Brasileira de Letras (ABL). Como lembra Constância: “[...] se foram ignoradas pelo cânone, é outra história: história das relações sociais de gênero, história de poder, de sexo dito ‘forte’ e sexo dito ‘fraco.’”

No mesmo bloco, Marcelo dos Santos pensa o romance *Pedro Espanhol*, de José do Patrocínio, inserido nas linhas da ficção brasileira que tensionam experiências de exclusão, marginalização e exceção nas quais se cruzam questões de raça, gênero e classe. Para Marcelo,

“[...] o romance de Patrocínio, inscrevendo-se na fatura folhetinesca de seu tempo, constrói uma tipologia romanesca que se avizinha do romance de tese ao mesmo particular de observação – atenta aos modos de marginalizar, punir, excluir.” A historiadora Angela Maria Roberti Martins discute o que denomina “romance de combate” de Domingos Ribeiro Filho, que por 15 anos foi editor da revista *Careta*. Para a autora, o escritor e jornalista “[...] se valeu da literatura como forma de reflexão social, alimentando o debate e a difusão do projeto de transformação social, moral e sexual dos libertários nos primeiros anos de vida republicana no país.”

Em “*Recordações do escritor Isaías Caminha*, de Lima Barreto: racismo, literatura e comunicação no Rio de Janeiro da *Belle Époque*”, Dionisio Márquez Arreaza problematiza os limites entre o pacto autobiográfico ou autoficcional, no romance do escritor carioca, como estratégia para “[...] atingir a veracidade do racismo nessas ‘recordações’ e o impacto crítico delas não com base no autor carioca biográfico como pessoa real, mas através do autor capixaba (auto)fictício como recurso artístico.” E a obra do criador de Policarpo Quaresma também é tema de “*Lima Barreto e a modernidade claro-escuro da Belle Époque carioca*”, de Carmem Negreiros, que descreve o cenário claro-escuro da modernidade carioca que acolhe a ordem racionalizante e disciplinadora, mas não defende a certeza de um futuro luminoso. Tensão bastante perceptível na obra de Afonso Henriques de Lima Barreto, a partir das questões, “quem sou eu?”, “quem somos nós?” e “que país é este?”.

A visualidade da escrita urbana e as lentes trazidas pelas tecnologias abalaram a literatura e as artes, conferindo às ruas o papel primordial na criação. E, para iniciar o segundo bloco “*Visualidade e Literatura*”, Márcia Arbex-Enrico apresenta uma reflexão sobre “*A Passagem*

da Ópera”, de Louis Aragon, texto que compõe o livro *Le Paysan de Paris (O Camponês de Paris)*, publicado em 1926. Para a ensaísta, “[...] a descrição das vitrines e a exibição da escrita em toda a sua materialidade gráfica colocam em cena a fantasmagoria do mercado do século 19; e Louis Aragon faz uma remontagem de fragmentos de alcance político e o estético.” E ainda, a “heterogeneidade do material gráfico e a descontinuidade do texto” possibilitam uma “temporalidade de dupla face”, sendo a montagem “o operador desse trabalho arqueológico, material e psíquico, do conhecimento histórico” que “se inscreve diretamente na linha das preocupações do filósofo Walter Benjamin”.

E quando se trata da ampliação do campo visualidade na literatura, o cinematógrafo ganha prioridade, como nos diz Marcus Salgado. No entanto, em “A caixa mágica do ilusionista: lanternas mágicas, fantasmagorias e a escrita como projeção” o autor lembra que “dispositivos como as lanternas mágicas e espetáculos” e as fantasmagorias “deixaram marcas sobre a produção literária do período”. De Théodore de Banville a Coelho Neto, e outros, o autor analisa as possíveis triangulações entre literatura, periodismo e a linguagem moderna das lanternas mágicas, assim como discute as fantasmagorias como pertencentes “[...] à mesma categoria estética da fotografia fantástica: contemplar o invisível pelo buraco da fechadura.” Dessa maneira, o ensaio foge do lugar comum que considera tais tecnologias como “[...] formas técnicas arcaicas dentro de uma busca pela imagem em movimento que culmina no cinematógrafo.”

Em “Da fita ao filme: o *film d'art* no Rio de Janeiro de 1909-1910, ou as especificidades do teatro no cinema”, Danielle Crepaldi Carvalho apresenta a interessante transformação brasileira de fitas em filmes e “[...] que sentidos ela adquiriu junto aos seus exibidores, produtores, público, e cronistas que a elas se dedicaram na imprensa da cidade.”

A autora amplia o debate procurando compreender “[...] de que forma esta sorte de filmes que se queria ‘artística’ dialoga com a produção teatral brasileira.”

A estética *art nouveau* está presente a partir do estudo de Luciana Persice Nogueira-Pretti da *Revista Moderna*, publicação brasileira editada na França que relaciona o termo moderno do título “com a modernidade técnica e sua expressão periodística mais completa: o magazine ilustrado”. Ou, dito de outra maneira, “um veículo moderno, por ser laboratório de políticas e linguagens” e, por isso, abraça o *art nouveau* “a um só tempo propagando e internalizando a nova estética”. Maurício Silva, em “*Écriture artiste*: um estudo sobre o estilo de João do Rio e a estética *art nouveau*”, demonstra que, no período, “[...] a ornamentação literária se manifestou, muitas vezes, como apego a certos aspectos da estética *art nouveau* [...]” que, para o autor, revela-se na obra de João do Rio não apenas em seus temas e motivos literários, mas também como marca estilística, presente de modo mais ou menos recorrente em seus escritos.

A partir da crônica de Olavo Bilac, intitulada “Kinestocópio”, que foi publicada na primeira página da *Gazeta de Notícias* de 17 de dezembro de 1894, Marcus Vinicius Nogueira Soares discute o funcionamento das mídias na *Belle Époque* e ressalta que o significado de mídia adotado “[...] corresponde ao do termo que designa dispositivos técnicos por meio dos quais uma mensagem é veiculada e transmitida ao receptor.” Por isso, prioriza no estudo

[...] os campos discursivos (jornalismo, literatura, cinema etc.), nos quais as mídias (jornal, livro, cinematógrafo etc.) são empregadas, como também o modo como cada dispositivo, por conta de suas materialidades específicas, afeta a percepção das mensagens por parte do receptor.

O espaço urbano, dinâmico e multifacetado, que envolve sensibilidades diversas na complexa justaposição de tempos e experiências permite a compreensão do tempo moderno que “não é contemporâneo de si mesmo” (Rancière, 2021, p. 63). A cidade do Rio de Janeiro traduz tais paradoxos da vida moderna e os textos literários possibilitam diferentes modos de olhar para a cidade, do próximo ao distante, do presente ao passado, em sucessão e descontinuidade, em profundidade e superfície. Esse é o tópico do terceiro bloco denominado “Rio de Janeiro em tempos modernos”, cujos ensaios discutem como a cidade carioca é apresentada aos leitores sob múltiplas perspectivas, desde lugares efervescentes de luxo e esplendor até ruelas, esburacadas, mas quase íntimas e capazes de contar história. Numa aproximação tensa e rica com o jornalismo, a literatura apresenta aos leitores as inovações que transformam o cotidiano de homens e mulheres e ampliam a sua compreensão da realidade urbana.

A fluência desse processo é visível no ensaio de Giovanna Dealtry, que resgata, a partir da obra de João do Rio, “[...] a complexidade das relações entre cultura e circulação de bens afrodiaspóricos na modernidade carioca.” Em “A cidade-feitiço de João do Rio”, a autora destaca que:

[...] a confluência dos elementos aparentemente díspares, como candomblés e a modernização da cidade; o jornalista *flâneur* e seu informante; progresso tecnológico e vozes marginalizadas, produz o sentido de choque específico da modernidade carioca. Esses elementos não estão, *a priori*, em campos opostos, mas produzem relações dinâmicas e mutáveis.

Se a desestabilização e mobilidade crescentes marcam as primeiras décadas do século XX no espaço urbano carioca, Fátima Oli-

veira, a partir da leitura do *Diário Íntimo*, apresenta as nuances da “faceta de observador moderno”, do escritor Lima Barreto. A autora flagra as muitas “viagens de trem da estação suburbana de Todos-os-Santos para o centro da cidade” porque “[...] são propícias ao exercício da observação em que atenção e distração fluem de uma para outra.” De um lado, constituem, para o escritor, estratégia de resistência interna aos sistemas de rotinização da Secretaria de Guerra; de outro, “[...] ocorre a intersecção de duas realidades temporais: o tempo da viagem de trem da cidade para casa e o tempo de meditação, durante a viagem, sobre o livro que estava escrevendo.”

Amanda Danelli Costa apresenta o guia turístico de Olavo Bilac, Guimarães Passos e Bandeira Jr., publicado em 1904. Apesar da não existência de políticas destinadas à incrementação do turismo, a autora destaca o papel dos literatos na construção de imagens da cidade e detalha o conteúdo de *Guide des États-Unis du Brésil* concluindo que parece tratar-se de um “livro útil para possíveis imigrantes e homens de negócios”.

E, para fechar esse bloco, Mônica Vermes mostra que no Rio de Janeiro, do final do século XIX às primeiras décadas do século XX, a música “(já) tinha uma importante presença ou uma quase onipresença”. Mas, a tradição da historiografia musical brasileira apresenta a intensa vida cultural da cidade “[...] cindida em duas categorias isoladas, música erudita e música popular, com a tendência a se dar pouca importância aos fenômenos relacionados ao entretenimento ou às práticas amadoras.” Em paralelo, diz a pesquisadora, há “[...] outra série de relatos – escritos por músicos, jornalistas ou pesquisadores – que procurarão registrar as práticas, repertórios, histórias e valores de outros circuitos musicais.” No ensaio, a autora apresenta os “[...] cruzamentos, ou transbordamentos, das diferentes

esferas musicais que ocorrem em muitas outras situações do cotidiano [...]” na “[...] trama complexa e fascinante da música, parte fundamental da experiência da cidade, também plural, na *Belle Époque*.”

Para comentar o quarto conjunto de textos, é preciso lembrar que a crítica literária estabelecida, iluminada pela tematização do nacional, diminuiu, como sabemos, a compreensão de aproximações, diálogos e entrecruzamentos que caracterizam o vigoroso intercâmbio cultural, com trocas e empréstimos deliberados e/ou inconfessos na *Belle Époque*, especialmente no âmbito da produção poética. Por isso é muito interessante a pergunta de Francine Weiss Ricieri: “A quem se dirige essa figura de um ‘eu’ que flagramos em pleno processo de construção enquanto lemos o poema?”, mote do ensaio “*Em quais companhias se escreve o poeta?* Poesia e amizade em Alphonsus de Guimaraens”. E inicia a reflexão considerando que “[...] um poema se enuncia, nesse sentido, como uma voz direcionada a um interlocutor hipotético, singular e anônimo, previsto como um tu, por sua vez contraparte necessária, no processo de constituição de uma específica ficção, a ficção de um ‘eu.’” E a autora argumenta que a poesia de Alphonsus de Guimaraens “[...] convoca uma legião de amigos que operam, desde os procedimentos técnicos, na estruturação de uma escrita da pluralidade – do acúmulo de referências e vozes.”

“Gustavo Santiago: do guarda-roupa à estante”, ensaio de Armando Gens, propõe “[...] uma travessia – do guarda-roupa à estante – para problematizar a figuração do poeta, mediante três questões: O que veste o poeta? O poeta veste que ideias? O que veste o poema?”. Para o autor, “a opção do poeta pela cor preta (intensidade)” não só evoca o luto eterno de Charles Baudelaire, mas também reflete o caráter disruptivo do tempo que, cosmeticamente, o cenário da *Belle Époque* busca escamotear. Assim, do vestuário exótico ao objeto livro

revela-se “[...] a dor causada pela dilaceração da subjetividade e do artista pelas tramas da indústria e do consumo.”

Em “Eugênio de Castro e Alberto de Oliveira: lideranças antagônicas do decadentismo-simbolismo português”, Álvaro Santos Simões Junior parte da afirmação da força da imprensa, em Portugal entre 1889 e 1893, como instrumento de interação entre os intelectuais e de atuação sobre o público, para explorar as intervenções e ativismo de Eugênio de Castro e Alberto de Oliveira. Segundo o autor, seriam os poetas os responsáveis pela propagação do movimento decadente-simbolista em Portugal: “[...] foram ambos, a despeito dos *temperamentos* divergentes e das diferentes estratégias adotadas, muito hábeis em usar a seu favor a imprensa periódica, mesmo quando se mantiveram em silêncio.”

Em “Notas sobre a crise do paradigma mítico-musical na poesia moderna”, Eduardo Veras realiza a aproximação entre o conceito de poesia, “cunhado pelo abade Henri Brémon e a oração”, o que “[...] aponta para uma nova proposta de aproximação da poesia com o sagrado que descarta definitivamente o intermédio da música.” Para o autor, a poesia da segunda metade do século XIX, de Nerval, Poe e Baudelaire a Cruz e Sousa e Mallarmé “[...] é menos a poesia de um período que a poesia fundadora de um modo de se pensar/fazer poesia [...]”, o que torna perceptível “[...] a relação problemática – jamais resolvida – da poesia com o mito e com a música, constantemente reevocados, constantemente destituídos.”

As décadas iniciais do século XX problematizam, no Brasil, a naturalização da investida humana sobre a natureza, com posições diversificadas (de defesa e apoios, de crítica e conciliação) de literatos e artistas sobre o tema. Uma amostra, breve, desse debate segue no quinto bloco deste livro. Especialmente a partir dos tê-

nues limites entre arte, natureza e ciência. Nessa direção, o ensaio de Maria Cristina Franco Ferraz aponta que tanto o pintor William Turner quanto o escritor Edgar Allan Poe evidenciaram um interesse especial por atmosferas turbilhonares. Ao revisitar três quadros de Turner e dois contos de Poe, a autora assinala seu atravessamento pela física atomista e naturalista greco-latina e enfatizando sua pregnância moderna.

Luciana Murari analisa, a partir de “Inverno em flor”, obra de Coelho Neto, o diálogo do escritor maranhense com as correntes intelectuais do decadentismo e do *art nouveau*. Para a autora, o romance de Coelho Neto expressou ficcionalmente, através dos conflitos do enredo e da prática descritiva, uma ideia de uma sucessão cronológica dessas duas correntes do *fin-de-siècle*, atribuindo ao diálogo dissonante entre elas um significado histórico específico no contexto brasileiro. E, entre as edições e reedições da obra, aponta a ensaísta “uma sutil mudança de sentido na forma como a relação com a natureza é pensada”, ganhando relevância “o espírito de domínio e tomada de posse sobre o ambiente”.

Inspirada em crônica de Olavo Bilac, publicada na revista *Kosmos*, em 1904, e com base na “[...] procura por palavras-chave na ferramenta de busca da hemeroteca digital da Biblioteca Nacional [...]”, Claudete Daflon destaca em “Velhos jardins: natureza e civilização na *Belle Époque*” algumas “tensões importantes” acerca da situação dos jardins urbanos na cidade do Rio de Janeiro, “especialmente aqueles que tinham uma história atrelada ao passado colonial”. O ensaio problematiza “[...] o caráter pedagógico que se atribui às árvores, aos jardins e às intervenções urbanísticas pautadas no efeito civilizador de áreas verdes.”

Ricardo Souza de Carvalho, em “‘Nem místicos, nem empíricos’: a poesia da ciência em Euclides da Cunha”, elenca os argumentos da disputa do cânone para classificação da obra de Euclides da

Cunha, ora no campo da ciência, ora no campo do literário. Mas, o ensaísta lança a hipótese de que o autor de *Os sertões*

[...] teria partido da concepção mais próxima a de Goethe, em que sobressaía a distinção e a hierarquização, para uma visão mais abertamente romântica, na qual a complementaridade aponta para limites e impasses da própria ciência.

O último bloco de textos intitulado “Temporalidades convergentes, estéticas divergentes” demonstra a pluralidade estética do período marcado pela multiplicidade de fenômenos heterogêneos, e concomitantes, próprios da temporalidade que se pode chamar moderna. Por isso, é possível acompanharmos a sofisticada leitura da forma do conto-novela de Machado de Assis “O alienista” feita por Ieda Lebensztayn. Partindo da consideração da forma do conto “como uma ampulheta feita de dois abismos transpostos segundo a ‘lógica do absurdo’”, a ensaísta chama a atenção para a significativa alteração na passagem da versão publicada em *A Estação* para a forma do livro: a substituição do verbo “pontuar” por “virgular”. E múltiplas questões afloram dessa leitura, como

[...] a importância e os limites da ciência; o exercício tirânico do poder; a angústia entre prisão e liberdade; a reversibilidade entre os sentidos de loucura e razão; as dúvidas quanto à ciência, à fé e às virtudes; a prevalência de interesses particulares e do capricho, acima de princípios éticos e coletivos.

A forma machadiana segue em debate com “A metáfora da escrita como ruptura com as tendências do complexo estilístico pós-romântico na concepção de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis”. No ensaio, José Osmar de Melo problematiza que “[...] o narrador

machadiano deixa explícito que o enredo está sendo construído. Assim, o leitor, ao invés de viver a história, percebe-a como linguagem.” Há na obra uma

[...] série de procedimentos discursivos que comprometem o efeito de realidade da verossimilhança, uma vez que quebra o pacto realista através das constantes reflexões metanarrativas que denunciam, para o leitor atento, que o livro é um livro; não uma realidade.

Diferente do proposto pela crítica canônica que caracteriza o ambiente literário da *Belle Époque* como marcado pela “penúria cultural” que leva a elite artística a não ter “meios de encarar criticamente a si mesma”, pressupondo que o distanciamento do “povo inculcto” garantiria para a mesma elite “uma posição de atitude absoluta” (Candido, 1989, p. 148), as discussões sobre o naturalismo dão uma amostra do constante diálogo, no período, entre linguagens e culturas. E, assim, a estética naturalista é compreendida em “O naturalismo francês ‘triunfante’: trajetórias e temporalidades”, de Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina, a partir de constantes processos de trocas, retomadas e empréstimos, especialmente “tendo em vista a estreita relação do naturalismo brasileiro com o naturalismo francês” que “[...] passou de uma literatura dominada a uma literatura dominante, fazendo prevalecer seus modelos de representação – processo que parece não ter ocorrido do mesmo modo no Brasil.”

A movimentada vida literária com seus protagonistas transitando da política para a literatura, dos salões às ruas, das tribunas às livrarias e cafés é perceptível no ensaio “Pardal Mallet, um *frondeur* na *Belle Époque*”, de Leonardo Mendes e Gabriela Krugel dos Santos Nunes. Os autores tratam da trajetória de Pardal Mallet que gozava de

“estatuto ambíguo, admirado e temido ao mesmo tempo”. Suas obras traziam “um pessimismo schopenhaueriano” nas “histórias de desintegrações e desmoronamentos”, além de “referências a personagens e obras de Zola, dos irmãos Goncourt e de Maupassant” que “reafirmam o vínculo com o naturalismo”.

Rafael Rodrigo Ferreira mapeia a trajetória do romance *Os condenados*, de Oswald de Andrade, e sua reflexão induz à percepção do “hibridismo formal” e da “[...] possibilidade de convivência de distintos discursos e projetos no contexto da virada do século XIX para o XX – sobretudo quando contraditórios, assimétricos, irregulares.” A variedade de produção cultural e estética no período demonstra o encavalamento de diferentes temporalidades: fragmentação e continuidade, movimento e imobilidade, antecipação e atraso, tradição e ruptura marcam a riqueza cultural, e estética, que não pode ser representada com um pálido traço que sugere transição, incompletude, falta ou falha. No entanto, Jean Pierre Chauvin alerta para as “duas operações comuns à maioria dos manuais de literatura brasileira”. Trata-se da ênfase à divisão da produção por “movimentos” e, além disso, com

[...] a finalidade de enaltecer determinados ‘movimentos literários’, subdividem-se os ‘ismos’ – nomenclatura inventada no final do século XIX – em ‘pré’, ‘pós’ e ‘neo’ (Classicismo, Neoclassicismo, Pré-Romantismo, Neorromantismo, Pré-Modernismo, Pós-Modernismo etc.).

A partir dessa premissa, o autor considera relevante estabelecer algum diálogo “[...] entre as reflexões que Mário e Oswald de Andrade fizeram a respeito do Modernismo e do papel que supuseram cumprir, tendo em vista a instauração e o cumprimento dos respec-

tivos programas.” O diálogo se constrói a partir da problematização do manifesto, “gênero discursivo entre jocoso e sério” que convida o leitor, entre outras coisas, a “[...] revisitar as etapas da colonização europeia e a desconstruir o ufanismo nacional-positivista.” Tarefa que os escritores da *Belle Époque* já vinham enfrentando, talvez sem muita alegria e festa, mas pontuando o viés sedutor e trágico da modernidade excludente e colonialista.

O termo *Belle Époque* é um grande guarda-chuva para tratar da pluralidade de linguagens, do cosmopolitismo de tendências estéticas, da problematização de temas que constituem a brasilidade (presentes desde a questão racial – matizada de cientificismo – até as nuances para a compreensão da natureza), da suspeita sobre a ciência, a técnica e a própria linguagem e, sobretudo, da crise do sujeito soberano. O propósito deste livro é, portanto, o de convidar você, leitor(a), a nos acompanhar nestas travessias do imaginário político, literário e cultural de uma época cuja perspectiva dos artistas e intelectuais procurava integrar realidades múltiplas e também contraditórias, produzindo gestos e estéticas que configuram tempos modernos, matrizes do contemporâneo.

Carmem Negreiros
 Fátima Oliveira
 Jean Pierre Chauvin
 Mónica Vermes
 Ricardo Carvalho
 (Orgs.)

Referências

CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. *In*: CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite & outros ensaios**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989.

MAGALHÃES, Adelino. Visões, cenas e perfis. *In*: MAGALHÃES, Adelino (org.). **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1963.

RANCIÈRE, Jacques. **Tempos modernos**. Arte, tempo, política. Traduzido por Pedro Taam. São Paulo: n-1 edições, 2021.

da fotografia, do automóvel, do telégrafo, do trem e da palavra, que luta com a imagem nos letreiros das vitrines e nas páginas dos jornais. Muito além de uma época de frivolidades e de “sorrisos”, assistimos à reorganização de conhecimentos, linguagens, espaços, redes de comunicação e da própria compreensão da subjetividade. O Rio de Janeiro é o cenário desse processo, no Brasil, a partir das reformas urbanas tornando-se poderoso centro de produção cultural no país, com verdadeira ebulição literária, artística e cultural. Não à toa o local de trabalho dos escritores, escritoras e poetas será a rua. De perspectiva multidisciplinar, este livro convida o(a) leitor(a) a acompanhar as travessias do imaginário político, literário e cultural da *Belle Époque*, campo discursivo rico, e estratégico, porque produtor de gestos e estéticas que configuram tempos modernos, matrizes do contemporâneo.



A produção literária, cultural e artística entre 1890-1920 reunida sob o termo *Belle Époque* é representada na historiografia com um pálido traço que sugere transição, incompletude, falta ou falha. Mas o período é marcado pela multiplicidade de fenômenos heterogêneos, e concomitantes, próprios da temporalidade que se pode chamar moderna.

Este livro apresenta a atuação de artistas, escritoras e escritores da *Belle Époque* abertos a experimentações estéticas, com renovação na linguagem gráfica, visual, literária e artística em meio a manifestações de movimentos de mulheres e operários, guerra imperial, lutas da população marginalizada contra a opressão da ordem (expressa na força policial ou no aparato médico-judiciário), ao lado de propostas de muitas utopias sociais.

Tudo vinculado às preocupações com o destino do país para buscar respostas às perguntas: o que é o Brasil? Quem são os brasileiros? De que é feita a brasilidade? E o componente mais forte do discurso nacionalista é a ideia de raça, argumento pretensamente de saber técnico para justificar exclusão, violência, degradação. Hospícios, prisões, genocídios são reveladores dessa prática que marca sobretudo corpos negros e pobres. Corpos que desfilam como mercadoria exposta na cidade, que revelam seus movimentos de dor, angústia, prazer e/ou corpos ameaçados, que se escondem da violência, mas, também, corpos que reagem, negociam, subvertem e se revoltam contra a força da ordem e do progresso. *Travessias* apresenta um campo discursivo permeado de tensões e conflitos, repleto de gestos modernos, deixando à mostra as raízes do contemporâneo.


UNOCHAPECÓ
UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA DA REGIÃO DE CHAPECÓ
www.unochapeco.edu.br/argos


Perspectivas




FAPERJ
Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

